

“COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE”: REFLEXÕES SOBRE O FEMININO E O MASCULINO*

Rita de Cássia Hetem Assaly

Sabe, eu quase enganei vocês. Quando dei o título para esta fala, ela ainda não estava pronta. Comecei várias vezes, e cada vez saía mais diferente da anterior, de modo que eu não conseguia juntar os vários pequenos textos, todos um pouco "chochos", com um momento ou outro de alguma luz. Simplesmente não saía. Já estava pensando em disfarçar, sair de fininho quando chegasse minha vez, fazer de conta que não era comigo, até que esta semana, na minha aula de quarta feira, veio a inspiração a partir de um texto do Sandor. Vocês devem conhecer, é a última parte daquela apostila, “VELA”, até então minha desconhecida. Depois de ler, fiquei com uma mescla de saudade e inspiração, e ainda uma vontade de rir à toa porque era como se nenhum esforço fosse em vão. O texto era um “esforço” do Sandor, e chegava até mim como um presente. Vocês se lembram de “Excalibur”? Depois que Merlim “dançou” com os feitiços de Morgana, o Rei Arthur percebeu que teria acesso a Merlim através dos sonhos... Acho que é um pouco assim. E, além disso, contamos com toda uma herança de trabalho e boa vontade, que sinto acionada toda vez que recebo a graça de estar em sintonia com minha própria boa vontade.

Enfim, então, depois de ler o texto, entendi melhor o que é que desta vez me intrigava nessa história de masculino e feminino. Só para situar estas reflexões, inspiradíssimo, naquele texto Sandor vai falando da “realidade individual”, que seria como um órgão - como a pele, por exemplo - tendo uma função específica e fundamental para o funcionamento do corpo e a realização da vida - assim ao menos seria o ponto de vista

dos que ele chamou de “psico-somáticos”, que, pelo que entendi, somos nós... Essa “realidade individual” é que colocaria sentido e significado em todos os fatos da vida, que em si são neutros, mas recebem o colorido da experiência interna de cada um.

Essa “realidade individual” é fundamental para que cada um de nós “venha-a-ser-Si-Mesmo”, com “S” maiúsculo, aquela tarefa de que tanto falamos chamada “Individuação”. A manutenção desta realidade e a realização de sua singularidade **plenamente** seria o nosso desafio e o nosso fim. Mas, ao mesmo tempo, por ser tão individual, não temos como falar de **uma** realidade, mas de tantas realidades quantos sejam os seres viventes.

Particularmente, guardadas as singularidades individuais, tenho tido a impressão de que homens e mulheres têm “modalidades” diferentes de “realidades individuais”. Existem aprendizados e experiências exclusivamente femininos e exclusivamente masculinos, o que com certeza deve gerar coloridos internos diferentes. Claro, a começar do corpo: penetrar e ser penetrada devem ser experiências muito diferentes - e só conheço uma delas... E então vêm aqueles rituais que alguns julgam apenas circunstâncias culturais ou religiosas, mas devido ao meu útero às vezes fico em dúvida, como por exemplo a “Dança do Ventre” e seu simbolismo sagrado, ou o envolvimento das mulheres com a cozinha, que deve receber algum tempero da possibilidade alquímica de seus seios na amamentação...

Como será que nos comunicamos, então? É possível partilhar experiências, conhecer o mundo interno de outra pessoa? É possível que homens **entendam** mulheres e que mulheres **entendam** homens? A Individuação pode se realizar a dois?

Se a vida está a serviço do aprendizado humano, como disse Sandor, sermos homens e mulheres também deve estar...

Outro dia meu marido me explicou um pouco isso. Ele é engenheiro mecânico e disse que o jeito dos homens e das mulheres é como o de um motor a diesel e o de um a gasolina. Eles usam combustíveis diferentes, têm a ignição diferente, o tipo de ingestão de combustível diferente, e também funções diferentes. Complementam-se na organização social, pois o motor a diesel é mais forte que o de gasolina, carrega mais peso, mas é mais lento também. Aproveitou e disse também que por isso mesmo eu é que era mais parecida com o motor a diesel, e ele com o de gasolina...

Um pouco desta questão Junito Brandão nos lembra quando conta o trágico mito de Narciso e Eco - aliás, um grande convite à reflexão sobre nossas incomunicabilidades mútuas, caminho que por agora não tomarei. Quero lembrar apenas uma pequena passagem no preâmbulo do mito, quando Junito conta como o velho Tirésias recebera o poder da adivinhação, pois a mãe de Narciso iria lhe perguntar sobre a vida do filho. Foi mais ou menos assim: quando Tirésias era jovem, subiu a um monte, viu duas serpentes copulando, separou-as e matou a fêmea. Como castigo, mudou de sexo e viveu como mulher por sete anos. Aí, subiu de novo, viu as serpentes outra vez, fez tudo novamente só que matou o macho e virou homem outra vez. Tempos depois, Zeus e Hera discutiam - pra variar - qual dos dois sexos sentiria mais prazer. Como não chegavam a conclusão nenhuma, chamaram a única pessoa que tinha vivido ambas as experiências: Tirésias. O danado foi lá e disse que se dividíssemos o prazer em dez partes, o homem sentiria um décimo e a mulher nove décimos. Zeus ficou orgulhosíssimo de sua potência inquestionável, e Hera furiosa pois a resposta havia sido extremamente patriarcal. Hera, então, cegou Tirésias. Zeus, grato pela cumplicidade masculina, concedeu-lhe o poder de Visão do futuro.

Pois é, assim como para Tirésias, acho difícil falar do masculino e feminino sem cometer deslizes de preconceitos patriarcais - desculpem-me por eles - mas ao mesmo tempo é muito claro para mim que, apesar de universos tão diferentes, masculino e feminino são fundamentais um

para o outro, e a Tarefa da Individuação é acionada pela convivência e pelo esforço, ainda que trôpego, da partilha e da entrega: exercer a arte do encontro e submeter-se ao seu mistério... *Misterium Coniunctionis*, diria Jung a partir de 1950, quando anunciou à consciência de seu tempo a existência deste Arquétipo: o do encontro do feminino e do masculino. Sincronicamente, é nesta mesma década que o Papa Pio XII oficializa a Assunção de Virgem Maria aos Céus, o que, em termos simbólicos, traz à consciência coletiva a *Coniunctionis Celeste*, o fecundo contato do feminino e masculino no plano sagrado - e como "o que está acima é como o que está abaixo"... as coisas se tornam "como água para chocolate". Vocês já devem saber o significado desta expressão mexicana. Pelo que entendi, seria mais ou menos isto: no México, devido à pobreza, quando vai se tomar chocolate, coloca-se água ao invés de leite, e isso é uma prática comum, de todos, de qualquer pessoa. Mais ou menos o nosso "vamos botar água no feijão", ou aquela coisa de a gente ter sempre no mínimo um pedaço de pão para oferecer (esta é a minha tradução, não sei se está correta)¹. De qualquer forma, essa coisa do encontro/desencontro do masculino e feminino parece ser "como água para chocolate": em todas as vidas, em todos os caminhos, em todos os tempos. Shakespeare, Chico Buarque, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Joãozinhos e Mariazinhas em todas as esquinas experimentando um passo na direção do outro, arriscando-se a um amor que pode ou não libertar a ambos para o próprio crescimento.

No belíssimo filme dirigido por Alfonso Arau que recebe este nome, temos o desenvolvimento deste tema. A principal personagem, Tita, nasceu na cozinha - lugar que se tornou encantado pela sua maneira muitíssimo pessoal e viva de lidar com ele. Acontece de Tita apaixonar-se por alguém que não libertava, não tinha forças para superar o lado terrível de sua Tradição familiar, pois Pedro, embora também apaixonado por Tita, se conforma à imposição que pesava sobre a amada de não poder casar-se para cuidar da mãe. Como se fosse pouco, ainda aceita casar-se com a irmã de Tita, Rosaura, supondo que apenas estar perto da amada seria

suficiente para o amor de ambos. Notem que aqui já começa o desencontro em nome do amor - acho que o “motor a gasolina” de Pedro estava com o carburador sujo...

A mãe de Tita e Nacha representam os dois lados opostos do arquétipo materno. Nacha era a doçura e a herança acolhedora, a mestra da cozinha e da vida. A mãe, por outro lado, consumida e ressecada também por um desencontro amoroso, sempre engendrava a morte dos que a rodeavam (o marido, as filhas, o neto). Havia uma paixão morta no peito, cuja chave se achava guardada dentro do coração. Aquele era o segredo da libertação de todos.

Apesar do sofrimento de Tita e também de Pedro e por tabela de todos (Rosaura também não estava feliz, nem Gertrudis, nem ninguém), nasce uma criança do casal (a *Coniunctionis* sempre gera frutos...), um menino que, como todos os outros homens, não poderia viver naquela configuração. Tita era sua possibilidade de vida, torna-se sua ama de leite mesmo sem ter engravidado, pois Rosaura, assim como acontecera quando sua mãe gerara Tita, não podia amamentar o filho. Rosaura também não conhecia o amor, não era sensível a ele, não podia, portanto, alimentar nem ser veículo de transformação. Ela apenas repetia a história de sua mãe, no lugar exato proposto por ela.

Pedro e Tita furtivamente se encontravam, sempre de maneira rápida e reprimida. A mãe percebe e manda Rosaura e o genro para outra cidade, embora tenha sido lembrada pelo padre (um tipo de masculino que convida a reflexões) do perigo de não se ter um homem em casa. A mãe, debochando, insiste que os homens para nada servem e que, com as filhas, ela defenderia o rancho muito bem.

Entretanto, apartado de Tita, por não conseguir alimentar-se, o sobrinho morre. Quando fica sabendo, finalmente Tita se rebela. O sofrimento dela a calava, mas não o de outra pessoa. É interessante que sempre parece haver duas maneiras primordiais de se despertar o processo

de “Vir-a-ser-Si-Mesmo”: de um lado o amor, de outro, o sofrimento. No caso de Tita, foi a partir da morte do sobrinho que ela passa a não aceitar o ridículo e desumano trato de sua mãe e da Tradição familiar.

Enfrentando a mãe, Tita recebe no nariz uma violenta pancada com uma colher de pau. É um símbolo feminino, da cozinha, o que vem a ferir Tita, quebrando-lhe o nariz, que representa o lado espiritual. É esta, portanto, a saída de Tita: o que a faz perceber com clareza sua situação não é o sofrimento do ponto de vista material, amoroso ou moral, mas sim o lado que transcende a tudo isso que é o direito à vida e o sentido dela. É na morte do sobrinho que esta força se manifesta. Tanto é que ela se recolhe no pombal da casa, novamente um símbolo espiritual: o teto, os pombos. A mãe resolve prendê-la lá por um dia, mas Tita não mais desce por sua espontânea vontade: com o Ego fragilizado e o nariz quebrado, enlouquece.

Quem vem tirá-la é o Dr. John que, além de médico, é a única figura masculina de personalidade discriminada e capaz de propor um amor diferente, mais sensível à “realidade individual” de Tita. Dr. John, descendente de índios (a avó) e portanto tendo maior sensibilidade para os chamados vitais e instintivos, “conserta” o nariz de Tita, ou seja, possibilita que seu caminho de crescimento, via espiritualidade, se restaure e se mantenha.

A primeira percepção de Tita é que suas mãos estão livres da mãe, “mas não sabe o que lhes pedir”, tem apenas o desejo de que pudessem voar, novamente uma referência à espiritualidade.

Tita se cura, volta a se comunicar, resolve-se a não retornar para o rancho da mãe. Dr. John, vendo-a curada, propõe-lhe casamento. Tita aceita. Significativamente, é nesta dia que sua mãe morre, atacada pelo masculino primitivo: bandalheiros e ladrões atacam seu rancho. A mãe parece que de fato não poderia viver sem a vitalidade de Tita lhe entregue totalmente. Sem ela, a mãe era incapaz de vida.

Com a morte da mãe, Tita - justo Tita! - tem acesso ao segredo guardado a chaves no seu coração: um grande amor proibido. Tita entende o sofrimento materno, pois o conhece.

Em seguida nasce outra criança, agora uma mulher. Rosaura lhe quer dar o nome de Tita, pois declaradamente deseja que tenha seu mesmo destino. Tita não gosta da idéia, sugerindo-lhe o nome de "Esperança". É a filha da próxima geração, que herdará a terrível Tradição ou é a esperança de uma nova possibilidade de relação entre o feminino e o masculino. Novamente se manifesta o simbolismo alquímico, pois Rosaura outra vez precisa que Tita cuide de sua filha pois está adoecida e não mais poderá ter filhos: parece que seu coração endurecido não tinha como regar outras vidas.

Pedro fica sabendo da intenção de casamento entre John e Tita. Tomado de ciúme e agora com a sogra morta, finalmente, embora às escondidas, enlaça Tita. Restava ainda, entretanto, a presença fantasmagórica, o enfrentamento entre mãe e filha que significasse a libertação de ambas. Tita supõe-se grávida (o que nesta situação seria o grande castigo por "trair" a mãe), julga-se amaldiçoada, seu amor continuava proibido. O fantasma vem atormentar-lhe até que Tita lembra-lhe do amor também proibido que a mãe carregava escondido no peito, e da filha também "ilegítima" (Gertrudis) que viera dele. Tita exorciza-se do fantasma integrando a ele seu lado sombrio, humanizando-o e agora - somente agora - podendo livremente tomar suas próprias decisões. Libertou-se e libertou a mãe, pois um pequeno clarão vermelho se fez no coração do fantasma. A gravidez revelou-se psicológica.

Tita enfrentou o fantasma, e se a *Coniunctionis* deve ser vivida a dois, agora era vez de Pedro: uma imensa chama se ergue da fogueira e significativamente lhe pega pelas costas. De fato, ele se mantinha inconsciente da imensa batalha de Tita. Apesar de lhe ter jurado amor, nunca se posicionara de maneira a ajudar a amada em seu crescimento, preocupava-se apenas em poder estar perto dela, ainda que fugidamente e criando

situações constrangedoras. Pedro também aceitara a exata posição que a sogra lhe propusera e agora queimava.

É justamente Gertrudis, a filha do fogo que arde acima das leis, a primeira a socorrer Pedro e lhe cobrir com um cobertor. Para cuidar de Pedro, que em meio às dores da queimadura lhe pede a proximidade abertamente, Tita enfrenta também Rosaura.

No tratamento da ferida de Pedro, como John não estava, Tita conta com a presença sutil de Nacha e da avó de John, a índia que sabia curar. Nacha, por sinal, embora já tivesse "morrido", acompanha toda a trajetória de Tita. É a boa herança, sempre acionada quando preciso - ou como presente...

Tita sente-se obrigada a revelar a John que não era mais virgem. John adivinha que fora com Pedro, e não julga que isto seja motivo para suspender o casamento, a não ser que Tita sinta-se mais enamorada de Pedro do que dele. Lembra-lhe apenas que seria justo que Pedro a colocasse no lugar que ela merecia. A solidão do Dr. John, pois Tita preferiu não casar-se com ele, torna-se mais digerível se nos lembramos da eterna ferida daquele que cura. Como exímio médico, estava obrigado a conviver com seu sofrimento eternamente.

Mas a união do Dr. John e Tita se dá em outro nível: o filho de John se casa com Esperança, a filha de Pedro. Rosaura havia morrido, vítima de sua incapacidade de cuidar de si e dos outros, que transformava-se, como na mãe, em desejo de poder e de controle sobre a vida da filha. Morreu do tanto que isto fermentava dentro dela - literalmente! Tita se pusera a defender a sobrinha, a Tradição familiar teria de morrer nela, sem herdeiros e consegue isso.

Finalmente, com o casamento da sobrinha, Pedro e Tita encontram-se a sós. Quando sem barreiras podem se entregar um ao outro, por três vezes Pedro lhe declara amor, livre para gritar o que há tanto estava

sendo sussurrado. A luz foi intensa, Pedro não resistiu e foi queimado por ela, “recordando sua origem divina”, como John ensinara a Tita quando de sua loucura. Guiada por estes ensinamentos, Tita busca queimar-se também em toda a sua luz comendo os fósforos. A colcha de sua espera cobre os dois amantes e se incendeia, fazendo de todo o lugar uma só chama.

Restaria apenas o livro de receitas de Tita, o registro das alquimias. É ele que Esperança passa a sua própria filha, junto do irreversível rompimento com a tradição maldita - rompimento este fruto do enfrentamento do fantasma. As lágrimas da sobrinha-neta, que agora chora quando corta cebolas, vem da gratidão despertada pela própria liberdade.

Só para complementar, já que esta história de amor girou tanto em torno de Tita e sua cozinha, uma pequena homenagem a este lado do universo feminino, afinal de contas...

É lógico que a cozinha é um templo. Os aromas e as poções se sugerem nas prateleiras, esgueiram-se entre os legumes, revelando sabores inusitados dos alimentos mais comuns. Carecem de suas sacerdotisas, é claro, as mãos de fadas que também se temperem ao temperar, reencontrem-se com as essências de que são feitas e, acima de tudo, sejam sensíveis à alquimia inevitável. Os fogões à lenha entretanto, estão quase dispensados. Não caberiam na pequenez íntima das grandes cidades, tão enormes que são para as quitinetes. Mas, estão **quase** dispensados porque há sempre a esperança de reencontrá-los na casa da avó ou de uma velha tia em algum interior - da memória...

As cozinhas contam a saga feminina de estar à serviço da vida. Colheres de pau, panos de prato, aventais, cozendo e tecendo as teias da continuidade. Reprodução do sabor e do calor que possibilitam que a vida seja degustada - eis a velha receita! que deve e quer ser repetida...

Ah!... As mulheres e o tempo. Para que aconteça sua menstruação,

para findar sua gravidez, para aprender o ponto certo das caldas em fio. Para que vejam seus filhos crescerem, para tirarem o pão do forno, para esperarem cozer o feijão. Que aprendizado difícil e quase desprezado nesta época de computadores e de amazonas executivas! Urano invade o saturnino reino feminino e engendra o forno de microondas! O ritmo lunar, cíclico e de penumbras, é ofuscado pelas aventuras apolíneas de pisar na Lua.

Mas os dogmas culinários permanecem: para que peguem o tempero, as carnes ainda precisam ficar de molho. A dedicação e a espera são atributos do exercício feminino, cujo sacerdócio sensibiliza tanto homens quanto mulheres à coincidência do espírito e da matéria.

* Palestra proferida no VI Encontro de Cinésiologia de 1993, no Instituto Sedes Sapientiae.

NOTA

1. ERREI! no “Jô 11:30” de 22/nov./93 foram entrevistados Marco Leonardi e Lumi Cavazos (“Pedro” e “Tita”), que explicaram o significado da expressão mexicana: para o chocolate, a água deve estar quentíssima, mais que fervendo. A expressão tem conotação sexual...